

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Denise Cristina de Moura

ENCONTRO DE ATIVISTAS: ENGAJAMENTO NA "LUTA" E CONSTRUÇÃO DO "EU"

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Elizabeth de Paula Pissolato.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **DENISE CRISTINA DE MOURA**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201573022A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **ENCONTRO DE ATIVISTAS: ENGAJAMENTO NA "LUTA" E CONSTRUÇÃO DO "EU"**, desenvolvido durante o período de 25 de Agosto de 2017 a 27 de Novembro de 2017 sob a orientação de ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos e assumindo total responsabilidade, caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

DENISE CRISTINA DE MOURA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

ENCONTRO DE ATIVISTAS: ENGAJAMENTO NA "LUTA" E CONSTRUÇÃO DO "EU"

Denise Cristina de Moura¹

RESUMO

Esse trabalho visa uma descrição etnográfica do evento Festiva.MG e uma análise sobre expressões “ativistas” neste contexto. Tomo por base minhas vivências no evento, que durou três dias (01, 02 e 03 de Setembro de 2017) e adotou o modelo de construção de um espaço aberto a debates, e uma pesquisa teórica acerca das representações e rituais de interação nas relações sociais. Focalizando especialmente a Mesa de Abertura do evento, o artigo busca refletir sobre maneiras de ser/ se tornar/apresentar-se “ativista”, considerando graus de engajamento e formas discursivas/gestuais diversas, e chamando atenção para o acolhimento de diferentes disposições ligadas à imagem de “transformação da realidade” no “ativismo”, bem como para a dimensão da “representação do eu” (Goffman, 1959) nestes contextos de interação e construção de um “agir ativista”.

PALAVRAS-CHAVE: Festiva.MG; Rede Fora do Eixo; Ativismo; Rituais de Interação.

1. INTRODUÇÃO

O evento Festiva.MG realizado no primeiro final de semana de setembro de 2017, foi criado por uma rede de ativistas, comunicadores e agentes de cultura da Rede Fora do Eixo e Mídia NINJA (que são, no geral, as mesmas pessoas), e de outros coletivos parceiros e instituições públicas, como a Prefeitura de Belo Horizonte que cedeu o espaço Centro de Referência da Juventude - CRJ para a realização dos encontros e o SindiEletro, que cedeu sua sede para servir de acampamento aos participantes vindos de todo o estado de Minas Gerais.

Desde Junho de 2013 quando a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) ganhou uma enorme notoriedade nas redes sociais graças às coberturas jornalísticas que fizeram acerca das explosões de manifestações sociais, fazer parte desse Coletivo era algo que trazia algum prestígio no meio ativista e visto com positividade. As pessoas que eventualmente ajudam a construir as narrativas publicadas pelo FdE ou Mídia NINJA, são denominados “Colaboradores”, e fazer parte dessa rede lhes agrega valor.

O grande diferencial da Mídia NINJA é essa rede de comunicadores “Colaboradores”, que estão espalhados não só pelo Brasil mas também pela América Latina, como a parceria com o coletivo FACCIÓN da Argentina e o coletivo Catalejo do Uruguai, entre outros. Por isso a importância dos Membros FdE darem um nome também aos Colaboradores FdE, reconhecê-los como parte da construção desse projeto e incentivar que outras pessoas também façam parte, seja por uma vontade de fazer parte do movimento pelos seus ideais, seja pelo prestígio de ser “Ativista”, FdE ou NINJA.

Usarei a definição de “ativismo” de Tim Jordan (2002):

Activism is essentially something done together by many people, but we must be careful with the sense of group or collective that is employed here. [...] There has to be a sense of shared identity, which can best be understood at this stage as people recognizing in one another the anger, fear, hope or other emotions they feel about a transgression. [...] Thus each protest group initially formed as people recognized in each other frustrations, aspirations and desires to transgress the current state of the world. Solidarity is the result of such interactions, the recognition of a ‘we’ out of many separate ‘I’s. Solidarity and transgression, collective and action, are the twins of activism. What separates activism from a crowd leaving a cinema, or groups gathered around listening to buskers, is that activists recognize in each other the desire to alter the usual ways their lives are lived. [...] Activism comes to life when people recognize in each other the will and desire to change the routines of life. (p. 12-13)

O “ativista” assim se autodenomina em um movimento de aglutinar-se coletivamente para unir mais forças em prol das lutas para a transformação da “realidade dada”, das rotinas usuais, e simultaneamente constrói sua imagem como alguém que também vai contra o pensamento individualista que impera na sociedade capitalista moderna.

2. Festiva.MG: o evento aglutinador

¹Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: denise.cm94@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth de Paula Pissolato.

O evento Festiva.MG foi organizado por um Coletivo de “midialivristas”, ou seja, comunicadores das novas mídias, principalmente, que são independentes e se dizem “ativistas”, indivíduos que trabalham pela transformação de sua realidade.

O espaço reservado para a realização dos debates foi previamente pensado, “controle [que] permite à equipe introduzir dispositivos estratégicos para determinar a informação que o público é capaz de adquirir” (GOFFMAN, 1985, p. 90). O painel de fundo da Mesa de Abertura, #JuventudeQueMudaOMundo é um exemplo de informação importante que os organizadores queriam passar aos participantes do evento.

O espaço virtual também é muito utilizado pelo Coletivo Fora do Eixo, especificamente. O ativista do século XXI conta com as novas tecnologias de comunicação, o que faz toda diferença do ativismo do século XX. As redes sociais funcionam, podemos dizer, como grandes “centros de recrutamento” de “ativistas”. Um post ou página no Facebook pode fazer o primeiro contato entre os que têm as mesmas “lutas”, não sendo necessário ocorrer um evento para se juntarem as forças, por mais que ainda sejam nesses eventos que as pessoas vêem motivações à se unir. Além desse primeiro contato, pelas redes sociais há a possibilidade de mobilizar, divulgar as ideias e promover encontros e eventos, sendo as redes sociais também espaços sociais onde constrói-se um certo prestígio a partir da adesão a esses movimentos e eventos.

Assim, nos “eventos” e nas redes sociais ativistas no Facebook, torna-se prestigioso indicar um “Tenho interesse”, ou assinalar que “Comparecerei” e mais ainda quando é o caso de fazer constar o próprio nome no campo “Organizado por”. Os eventos assinalados são compartilhados com os amigos dessa rede social, sendo o seu perfil um resumo do seu “Eu”. Tomo aqui a definição proposta por Erving Goffman para uma aproximação com o “Eu” construído nos contextos “ativistas” de que estou tratando:

“O “eu”, portanto, como um personagem representado, não é uma coisa orgânica, que tem uma localização definida, cujo destino fundamental é nascer, crescer e morrer; é um efeito dramático, que surge difusamente de uma cena apresentada, e a questão característica, o interesse primordial, está em saber se será acreditado ou desacreditado” (GOFFMAN, 1985, p. 231).

O fim de semana na capital mineira, onde aconteceu o Festiva.MG pode-se dizer que foi uma extensão das redes sociais, ou as redes sociais que são uma extensão desse tipo de encontro. Havia um certo “prestígio” compartilhado entre quem estava participando do evento no Centro de Referência da Juventude - CRJ, também em quem vestia a pulseira do alojamento no SindEletro; mais prestigiosos eram os “Colaboradores” e “Parceiros” convidados a falar na Mesa de Abertura e demais Mesas, e mais ainda, os organizadores FdE.

A abertura do evento foi pensada e construída com base na diversidade de “lutas”, estas representadas pelos integrantes da Mesa de Abertura. Não só representavam os diferentes segmentos da sociedade, mas também propiciaram o aprendizado mais amplo do cenário de disputa de ideologias. O objetivo de todo o evento foi o de abrir espaço para as mais diversas discussões propostas pelos participantes, para assim agrupar e reorganizar as “lutas”.

A troca de “tecnologias” também foi um dos temas principais do fim de semana. Como criar e manter um Coletivo, como administrar e angariar fundos, conhecimentos de fotografia e design, criação criativa, ações cotidianas ecologicamente responsáveis, novas formas de comunicação entre tantos outros conhecimentos foram compartilhados.

Os indivíduos com as suas disposições particulares de/para as interações ali (re)agiam cada um à sua maneira. Uns estavam sempre conversando com alguém de uma luta diferente das suas e que tinha algo a lhe ensinar com suas experiências, alguns apenas observavam as interações, outros debatiam suas ideias, surgindo assim novas amizades, ideias e conexões.

Ao fim do dia, em suas barracas, todos sonhavam em melhorar a sua realidade, de seus amigos e familiares, de sua cidade, do estado, do país. Mas também ali todos sabiam que esse é um trabalho árduo que leva tempo, que precisa da mobilização do maior número de pessoas engajadas a fazer no “micro” a mudança do “macro”. A motivação de todos ali e de toda a construção do evento era a de transformar o mundo.

Mas por maior que seja essa força de vontade em transformar o mundo, a vida, para a grande maioria das pessoas, não se resume a isso. Os indivíduos, em sua rotina habitual vão a aula, trabalham, cumprem seus afazeres domésticos, cuidam dos filhos, fazem a janta, saem com os amigos, visitam os avós etc, têm toda uma agenda a ser cumprida. E há ocasiões em que os seus ideais de “luta” podem entrar em pauta.

No caso, o Festiva.MG foi um espaço pensado exclusivamente para a troca dessas ideias. O evento disponibilizou por um fim de semana todas as condições aos participantes para estarem ali discutindo e trocando experiências, numa tentativa de aglutinar causas e pessoas. Desde o transporte do interior à capital, a alimentação, hospedagem, inspirações trazidas pela Mesa de Abertura e também pela diversidade dos participantes, todo o evento foi pensado para dissolver as preocupações individuais e possibilitar pensar coletivamente.

Já na entrada do evento, na sexta-feira (dia 01), na mesa de recepção havia a entrega da pulseira do alojamento no SindEletro, o que já era um reconhecimento e diferenciação de quem ali credenciava-se. Logo após a chegada dos participantes, já se iniciou a Mesa de Abertura do evento, contando com a participação de Beatriz

Cerqueira, Célia Xakriabá, Ayana Odara, Poliana Souza, Ana Júlia, Leandrinha Du Art, Gilson Reis, Ricardo Targino e Pablo Capilé.

2.1. As falas da Roda de Abertura

Talles Lopes, integrante de longa data do FdE, iniciou a fala e oficialmente abriu o evento Festiva.MG, rapidamente passando o uso da palavra para a Mesa de Abertura. Os membros da Mesa estavam dispostos no palco do auditório, sentados em frente ao painel #JuventudeQueMudaOMundo, com a imagem de uma jovem negra em uma expressão de explosão de sentimentos impressa nesse painel, e ali falaram para uma plateia de aproximadamente 80 pessoas.

Entre os espectadores estava Claudio Prado, visionário da contracultura dos anos 70. Sentado na primeira fileira assistiu aos discursos do primeiro dia do evento que lhe concedeu um espaço de fala no segundo dia, sábado (dia 2), no “Delírios Utópicos de Claudio Prado”, um programa em parceria com a Mídia NINJA que é transmitido pelo canal do YouTube do Coletivo, que foi realizado nesse evento em forma de roda de conversa, episódio também muito interessante desse fim de semana mas que não será trabalhado neste artigo.

A Mesa estava composta por seis mulheres e três homens, a organização do evento foi pensada em cada detalhe e esse é um ponto que deve-se prestar atenção. Além da diversidade de “lutas” representadas pela Mesa, também houve uma preocupação em dar voz às mulheres: mulheres negras, mulheres transexuais, mulheres cis, mulheres estudantes, mulheres trabalhadoras, mulheres indígenas entre outras conexões do ser mulher.

A primeira a ter o uso da palavra foi Beatriz Cerqueira, primeira mulher presidenta da CUT-MG, Coordenadora geral do SindCUTE-MG, professora, graduada em direito pelo Instituto de Educação de Minas Gerais e colunista da Mídia NINJA. Beatriz se manteve sentada durante a sua rápida fala, gesticulando com as mãos, com um olhar educativo à plateia, com uma postura “professoral” e um discurso didático defendendo o espaço escolar como zona de combate ideológica.

Discorreu sobre o Novo Estado brasileiro sendo imposto, sobre o processo internacional de mercantilização, sobre a importância da escola na sociedade e sobre a falha da Anistia de 64, que desenrolou na impunidade generalizada às pessoas públicas e políticas do Brasil.

A representante indígena Célia Xakriabá prosseguiu o andamento da mesa, desenhando a luta indígena centenária em seu próprio território, relatando os abusos sofridos e a resistência de seu povo em busca da sobrevivência de sua gente e de sua cultura. Ela também se mostrou muito preocupada com a unificação das lutas sociais e políticas.

Célia estava com uma vestimenta característica indígena, cocar, descalça, com um chocalho na mão e na outra o microfone. Antes de iniciar sua fala, pediu para todos os presentes ficarem em pé enquanto ela entoava um canto indígena, num ritual onde cantava acompanhada do balanço do maracá, indo a cada membro da Mesa chacoalhando seu instrumento na cabeça de cada um, oferecendo uma “benção” aos companheiros da Mesa.

Emocionada descreve o maracá como instrumento musical importante da cultura indígena e também poderoso instrumento na luta, resistência e reação indígena. Faz toda a sua fala em pé, à frente do palco, segurando o microfone com as duas mãos, hora ou outra gesticulando, falando de suas experiências pessoais e coletivas, usando da ferramenta emocional para se expressar. Ao final, declama uma poesia sobre as “lutas” enfrentadas no cenário político social, e os espectadores aplaudem em pé a “indígena politizada” ao final de sua fala, inclusive a Mesa.

Ayana Odara que já foi representante do ONU Jovem, é militante feminista e do movimento negro, colabora com o Desabafo Social, ODARA Coletivo de Mulheres Negras, Blogueiras Negras e mais projetos de empoderamento negro e feminista, foi a terceira a falar na Mesa de Abertura. Um pouco tímida, ficou o tempo todo num canto do palco em pé, com as duas mãos segurando o microfone, gesticulando pouco e contando as suas experiências pessoais.

Ela começa sua fala se apresentando, diz quem é, de onde veio e como a sua trajetória a levou até ali. Mostrou-se angustiada pela dificuldade em fazer ver ao jovem negro periférico o seu papel central na sociedade brasileira, disse que “a coisa mais importante de se fazer nesse momento é existir e resistir” se referindo não só ao movimento negro mas a todos os outros diversos movimentos e lutas sociais, salientando na sua fala a importância de uma unidade de oposição à tudo que se vem retrocedendo no Brasil.

A próxima a ter o uso da palavra foi Poliana Souza, militante da moradia urbana no MLB - Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas e pelas mulheres no Movimento de Mulheres Olga Benário - MG. Poliana tinha em mãos uma folha com todos os assuntos que se propôs a abordar, fez uma fala mais tímida, mais informal também, não foi à frente do palco, ficou em pé à frente de sua cadeira e ali comentou acerca do aumento das ocupações urbanas fruto da crise econômica e política. Criticou a política habitacional brasileira pouco eficiente aos problemas sociais. Enfatizou a importância da cobertura da mídia alternativa nas manifestações, tanto como material informativo quanto para a

segurança dos manifestantes, falando da experiência das situações enfrentadas por seus companheiros de “luta” como exemplo disso.

Ana Júlia Ribeiro, estudante secundarista participante das ocupações de 2016, no Colégio Estadual Senador Alencar Guimarães, em Curitiba, um dos mais de 800 colégios ocupados, e colunista da Mídia NINJA, representou estudantes de todo o Brasil em Belo Horizonte com um dos mais comoventes discursos da noite. Mais à vontade, sentou de pernas cruzadas na beirada do palco, também trazia anotações e um discurso de suas experiências de “luta” e “resistência”.

Narrou a sua vivência e a de outros “companheiros da luta” pós Ocupação, falou da pressão psicológica e de todo o processo que o movimento desencadeou. Demonstra que mesmo quem “está perdido”, “tentando se encontrar” na vida pessoal e no meio político-social, no cumprimento de sua cidadania, só de estar na rua está na “luta”. Pois existir também é resistência.

A jovem curitibana declara que o sentimento de “coletivismo” foi o que fez uma menina comum querer se vestir “ativista”. Fala de seus amigos que levam uma vida individualista e da sensação de que “falta algo”, e compartilha o sentimento de que na “luta” mesmo em meio a tantos problemas e dificuldades, consegue encontrar felicidade ao se conectar com quem também está em busca de alcançar este “horizonte utópico”. Finalizou sua fala lembrando que “educação é uma disputa política”, se mostrando esperançosa e positiva mesmo em meio ao caos.

Leandrinha Du Art, fotógrafa cadeirante, transsexual e militante da causa LGBT, desceu de sua cadeira de rodas e também quis se sentar mais à vontade na beirada do palco. Foi a última mulher a discursar, fez uma rápida fala para parabenizar as outras colegas pela luta diária de ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista, que são diariamente silenciadas e privadas de seus direitos mais básicos.

A militante abrange o tema de privação dos direitos não só das mulheres mas de toda a sociedade brasileira que sofreu notáveis cortes no Governo Temer. Fala da opção de ser uma referência de deficiente física e LGBT, mostrando que por mais que se tenha todos os motivos, ir à luta ainda é uma escolha pessoal.

O primeiro homem a falar foi o vereador de Belo Horizonte e presidente da CONTEE (Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação), Gilson Reis. O vereador ficou à frente do palco e didaticamente compartilhou suas ideias acerca da disputa política brasileira, o chamado “Golpe”, dando a sua contribuição aos debates do fim de semana.

Gilson parabenizou os organizadores do Festival.MG pela iniciativa de promover um debate tão enriquecedor na variedade de temas propostos e por trazer o interior para a capital, e encoraja os participantes a levarem as discussões propostas neste fim de semana para as suas respectivas cidades para fomentar esse “trabalho de base”. Mais um discurso que incentiva a junção dos grupos e lutas sociais, que demonstra a importância da mobilização e como a cultura e a comunicação são importantes nesse movimento.

Ricardo Targino, é jornalista, diretor de cinema e doutor em audiovisual pela Universidade Livre de Barcelona sobre marketing eleitoral e publicidade política, ativista dos movimentos de cultura e comunicação, e fez uso da palavra após o vereador. Continuou sentado em sua cadeira e ali mesmo fez uma rápida fala, primeiro observando a disponibilidade do espaço cedido pelo Centro de Referência da Juventude - CRJ/BH, fruto da luta e resistência jovem e, também às mulheres presentes na Mesa, e logo emendou a conversa na sua própria trajetória de vida e nas questões que ele e todos ali presentes encontram-se no Brasil de 2017.

O “trabalhador da comunicação e da cultura”, como se auto descreveu, denunciou o que ele diz ser não um “Golpe” mas sim uma “Contrarrevolução”. Mas também se mostrou esperançoso quanto ao poder da sociedade civil, mencionando a proatividade das áreas periféricas negligenciadas pelo Estado.

Para finalizar a Mesa de Abertura, Pablo Capilé, um dos fundadores e articulador da rede Fora do Eixo e da Mídia NINJA, fez sua fala como se estivesse no sofá de alguma das Casas Coletivas do FdE, sentado à vontade, fez o seu discurso inspirador, sabendo captar a atenção do público pelo tom de voz e postura. O “guru” do novo ativismo tem praticamente um dialeto próprio, faz um jogo de palavras interessante e é um criador de conceitos e expressões.

O articulador conta à plateia e à Mesa sobre a sua experiência em cultura e comunicação, e da trajetória e assiduidade do seu Coletivo nos movimentos: “nós tamo junto nas ocupações, nas ruas, nas aldeias”, fazendo um gesto de referência aos representantes das diversas lutas presentes na Mesa, que respondem com gestos de assentimento.

Pablo quis mostrar à platéia a importância da América Latina, em especial do Brasil, ao dizer que somos “o continente mais progressista dos últimos 20 anos” e que temos que “assumir a nossa responsabilidade histórica” ao se referir à crise política brasileira dos últimos anos, a solução sendo construída de baixo para cima, do povo à esfera pública.

Capilé fala do poder de interferência na realidade social, cultural e política que a coletividade lhes deu, e parece querer aumentar ainda mais esse poder com a ajuda não só das pessoas que estavam ali e de suas parcerias já consolidadas, mas juntando “Mais Gente”, que inclusive é o nome do novo projeto do FdE.

A cada fala há a intenção de conscientizar, motivar e mobilizar, de possibilitar a criação de novas relações e movimentos, de promover a união das “lutas”. Além da mobilização da sociedade civil, se falou muito da importância de ocupar o espaço político institucional.

3. Gradações “ativista”

Volto aqui à definição de “ativista”, como indivíduo que se vê tomado por algum forte sentimento e desejo de mudar a sua realidade. Mas há muitas maneiras de atuar como ativista, e proponho aqui uma diferenciação, ainda que frouxa, entre alguns destes modos, reconhecendo uma gradação em termos do engajamento no agir ativista.

Nomearei “Faixa Verde” um tipo de ativismo de “reunião”, em que é necessário um convite para entrar no debate de ideias. Eu mesma sou “Faixa Verde”, apoio causas que não estão inseridas no meu dia-a-dia, ou até estão, mas não me vejo com disposição de discuti-las habitualmente.

Um carnaval à toa, um edital de colaboração para documentar a maior festa carioca e a vontade de compartilhar vivências: assim aconteceu o envolvimento de mais uma pessoa que vez ou outra se veste “ativista”. Na “Casa Coletiva” em Santa Teresa - RJ, uns moradores produtores culturais e comunicadores independentes e alguns “viventes”, “colaboradores”, fomentaram a minha busca por um “horizonte utópico”.

O papel de “ativista” é representado por esses indivíduos em determinados ambientes e situações, no entanto as causas defendidas não têm uma preeminência no desenrolar da vida cotidiana. São indivíduos que por falta de tempo ou de fortes sentimentos motivacionais, ficam mais à margem das lutas, contribuindo esporadicamente, como foi para mim no caso do evento Festiva.MG.

Já “Faixa Vermelha” serão os que “vestem a camisa” da causa, os indivíduos que levam suas ideias para a sua vida cotidiana, estando mais presentes em espaços e situações que propiciem o debate. São aqueles que conseguem unir sua individualidade com seus ideais coletivos. Podem ser vegetarianos a favor da vida dos animais, ecologicamente responsáveis pela preservação do planeta, feministas defendendo os direitos das mulheres, estudantes e educadores em defesa da educação pública e de qualidade, sindicalistas a favor dos trabalhadores etc, são pessoas que vivem suas “lutas” diariamente.

A grande maioria dos presentes no evento Festiva.MG são esses “Faixas Vermelha”, que apesar de levar uma vida individual, têm uma grande preocupação com o coletivo. São pessoas que foram até a capital mineira com a intenção de conhecer outras lutas, conscientizar, aglutinar mais pessoas às suas causas e também unir forças aos demais movimentos.

“Faixa Preta” serão os NINJA’S e FdE, por exemplo, os indivíduos que são ativistas como projeto de construção da sua vida individual substituído pelo projeto da vida coletiva. Para esses, em tese não há vida individual até que se conquiste os devidos direitos a todo o coletivo.

Os integrantes desses Coletivos que se dedicam às mais diversas “lutas” todos os dias, que dormem e comem juntos, têm uma relação entre si diferente daquela que mantém com as outras Faixas, eles têm uma maior convivência diária e sintonia de idéias. A sintonia, ao que parece, não precisa ser construída na longa duração, mas estaria aqui fundada no grau de adesão e disposição para o fazer junto:

“Os companheiros de equipe, então, proporcionalmente à frequência com que agem como equipe e ao número de assuntos incluídos na proteção delimitadora, tendem a ser ligados por direitos do que se poderia chamar de “familiaridade”. Entre eles, o privilégio da familiaridade - que pode se constituir numa espécie de intimidade sem calor - não precisa ser algo de natureza orgânica, que se desenvolve vagarosamente com o passar do tempo em comum, mas é antes um relacionamento formal, automaticamente ampliado e recebido, tão logo o indivíduo tome lugar na equipe.” (GOFFMAN, 1985, p. 81)

Os membros já estabelecidos no grupo compartilham essa familiaridade há mais tempo e tem isso como natural às suas vivências cotidianas. No alojamento do Festiva.MG, seus organizadores incentivaram os participantes do evento a fazerem parte do “time da cozinha”, por exemplo, ajudando a preparar as refeições. Essas ações integradoras ajudam a guiar o “vivente” e também o “Faixa Preta” novato para essa familiaridade do grupo já construída.

Os organizadores do evento por “vezes incute[m] na plateia a crença de estar[em] relacionado[s] com ela de um modo mais ideal do que o que ocorre na realidade” (GOFFMAN, 1985, p. 51), os grupos “ativistas” em geral tem essa preocupação, um dos motivos pode ser a empatia incentivada pela convivência real do dia-a-dia daquele grupo. O que é sacrifício ou desafio para uns, é realidade de outros, apresentada como modo prazeroso de convivência.

Talles Lopes e Ney Hugo por exemplo, passaram 40 dias rodando o interior do estado de Minas Gerais para convocar todas as pessoas que estavam presentes no Festiva.MG, tendo papéis muito importantes para a realização do evento e construção da história do Coletivo. Mas, como observa Goffman, “[...] verifica-se que aqueles que ajudam a apresentar uma encenação de equipe diferem no grau de dominância dramática atribuída a cada um, e que uma rotina de equipe difere de outra na medida em que são atribuídas as diferenças de dominância a seus membros.” (GOFFMAN, 1985, p. 96). Assim, o eloquente Pablo Capilé também se absteve do seu “Eu” a favor do “Nós”, mas a ele é designado

um papel mais central, como um “guru” do grupo. É um personagem “ativista” que se confunde com o ator Capilé, não se sabe onde começa o “ativismo” e onde termina o Pablo.

Os “Faixas Preta” abdicam dos seus projetos de vida individual para fazer parte e construir um projeto de vida coletiva juntos ao Coletivo. Erving Goffman, apresenta o fato de que

[...] nas interações em que o indivíduo apresenta um produto a outros, ele lhes mostrará apenas o produto final levando-os a apreciá-lo com base em uma coisa acabada, polida e embrulhada. Em certos casos, se foi exigido muito pouco esforço para completar o objeto, esse fato será escondido. Em outros, serão as longas e cansativas horas de trabalho isolado que se ocultarão.” (GOFFMAN, 1985, p. 48)

Todo o trabalho dos organizadores do evento Festiva.MG, por exemplo, ao longo das semanas rodando o estado mineiro, angariando recursos e cultivando parcerias, é algo que fica em segundo plano no desenrolar do fim de semana mas que deixa evidente as diferentes funções das “Faixas”. Assim como os “Faixas Verde” e “Faixas Vermelha” também ocultam as facilidades e dificuldades em estarem presentes no evento e ausentes de suas vidas individuais.

4. A disputa de “Faixas”

O evento Festiva.MG proporcionou o encontro de indivíduos das três “Faixas”, reconhecendo a importância de cada graduação de “ativismo”. Durante todo o fim de semana em que decorreu o evento, vários foram os momentos propícios ao exercício do papel de “ativista”.

Alguns atores pouco se importavam com a cor de sua “Faixa”, mas “quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada já foi estabelecida para esse papel.” (GOFFMAN, 1985, p. 34), e aqueles que ansiavam identificar-se com outra cor de Faixa, agiam para serem vistos como tal.

Chamou-me a atenção o fato de que alguns “Faixas Verde” desejavam ser vistos como “Faixas Vermelha”, mas os “Faixas Vermelha” pareciam estar satisfeitos com sua performance. E os “Faixas Preta” já tinham essa denominação reconhecida por todos antes mesmo do evento, não tendo assim um esforço adicional para se fazer reconhecer como tal.

O alto preço de abdicar dos desejos e projeto de vida individual é algo espantoso e que, se traz um enorme prestígio aos “Faixas Preta”, por outro lado, é uma decisão pessoal difícil a despeito do acolhimento do grupo.

Os “Faixas Vermelha” acabam sendo grandes aliados nessa “luta”, por manterem sua individualidade, mas ainda assim serem mais presentes nos embates do que os “Faixas Verde”.

A disputa de aparências se mantém, assim, principalmente no primeiro “grau de ativista”. A atitude de um professor de Uberlândia presente pode ser um exemplo desse esforço. Em seu discurso na roda de encerramento do evento, no domingo (dia 3), diferentemente da maioria, ouvia-se muitos “eu(s)”, afastando-se do ideal coletivista do evento. Mostrou-se um tanto afoito em demonstrar os seus feitos, o que acabou marcando-o como alguém que almejava subir de grau de “ativista” à visão alheia.

O “grau de ativismo” não desqualifica o trabalho de cada ator mas, por mais que haja essa consciência acerca da “unidade ativista”, ainda há um certo prestígio em ser “mais ativista” do que o outro. O que na “luta” em si pode até ser positivo se esse esforço resulta em maior número de ações.

Ao final, esse esforço é algo relevante apenas para quem se preocupa com a sua “faixa”. O movimento, em geral, apenas se utiliza desse instrumento para angariar mais forças. O ser “ativista” tem valor seja qual for o seu desempenho, dentro de diferentes raios de atuação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel social “ativista” foi dividido em três graduações, três “Faixas” de ativismo, mostrando seus diferentes raios de ações e sua mesma motivação por um “horizonte utópico”, seja por um desejo genuíno em transformar o mundo, seja em busca do prestígio gerado pelo termo “ativista” em seu meio e fora dele.

As personagens “ativistas” têm um comportamento esperado, uma trajetória de vida que se conecta com o engajamento em determinada(s) luta(s), um discurso muito parecido acerca da “luta”, um planejamento da “revolução”, um reconhecimento da história do outro que também é “ativista” e constroem uma imagem de “coletivo” compartilhada entre os participantes.

O trabalho de campo mostrou essa relação pedagógica e dinâmica entre os participantes do evento que foi desenvolvido de maneira aberta, onde todos os integrantes foram incentivados a se sentirem à vontade para trocar ideias e criar conexões, hora se falava, hora se deixava falar.

O “horizonte utópico”, seja qual for, é o combustível para esses veículos da “luta”, por isso, a importância do diálogo entre os diferentes grupos sociais dedicados à transformação de suas realidades, que ao encontrar um objetivo em comum podem juntar forças, planejar ações conjuntas, tendo, assim, maiores chances de sucesso em suas empreitadas.

Essas ações “ativistas” são vistas como produtoras de prestígio dentro e fora dos contextos específicos de vivências. Existem diversas motivações para se fazer ativista, entre a vontade genuína de transformar a experiência coletiva e a individual, o simples desejo de ser reconhecido como alguém com certo valor social adquirido pelo papel “ativista”, eventos como o FESTIVA.MG demonstrando como “[...] os indivíduos se encontram muitas vezes em face do dilema expressão versus ação.” (GOFFMAN, 1985, p. 39), gastando mais energia, muitas vezes, no mostrar-se ativista que agindo assim.

O papel “ativista” assim como tantos outros papéis sociais que podemos assumir ao longo da vida, é algo que pode ou não ser estável. Há momentos em que pode-se investir mais nos ideais coletivos (ou no seu ideal de ser reconhecido como parte do grupo que luta pela coletividade), tempo, disposição ou recursos financeiros, e há tempos em que dedica-se mais à vida individual.

As mais variadas trajetórias de vida levam às mais variadas lutas e suas formas de resistência e reação. A “luta” é lugar de união, sendo a disputa de aparências um dos elementos que compõem as ações revolucionárias, mas que não subvertem a vivência coletiva. E como expressou Leandrinha DuArt na Mesa de Abertura do Festiva.MG: militar sempre será uma escolha, independente de suas motivações.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1985

GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2011

JORDAN, Tim. **Activism! Direct action, hactivism and the future of society**. 1. ed. Londres: Reaktion Books, 2002.

MÍDIA NINJA. **Mesa de Abertura do Evento Festiva.MG**. In: Festiva.MG. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/1758578580837074/?active_tab=discussion>. Acesso em 20 set. 2017.